



Oitavo Domingo depois de Pentecostes (25/07/04)

Próprio 12

1ª leitura (Antigo Testamento) – Gênesis 18.20-33

Estamos temporariamente sem um colaborador disponível *para os textos do Antigo Testamento*

2ª leitura (Epístola) – Colossenses 2.6-15

Um dos momentos mais difíceis para quem tem que prestar relatório sobre algum trabalho é encontrar um chefe perfeccionista. Ter um chefe assim significa nunca ter seu trabalho suficientemente reconhecido. Nunca fazemos um bom trabalho, há sempre algo que ficou por ser melhorado. É assim trabalhar com alguém perfeccionista. Não é muito diferente quando vivemos ou quando casamos com pessoas assim. Muitas brigas e problemas surgem por causa desta obsessão pela perfeição.

Na esfera religiosa o perfeccionismo também aparece. Para alguns “filósofos” de Colossos, o aperfeiçoamento se dava pelo estrito cumprimento de determinadas leis relacionadas com a comida, a bebida, e a guarda de determinados dias. À medida que cumprimos estes mandamentos nos tornamos perfeitos. Mas a argumentação de Paulo é diferente. Para nosso apóstolo, nós só seremos levados à plenitude, em função de nossa relação com Cristo, e não em função do cumprimento de regras. Pensando nisso propomos para hoje o seguinte tema: **Nele estais aperfeiçoados.**

Podemos dizer que nele estamos aperfeiçoados, em primeiro lugar, Porque rompemos totalmente com o pecado. (v. 11) O versículo 11 mostra de forma metafórica nossa ruptura com o pecado e com o velho homem ao falar de uma circuncisão. Por meio da circuncisão uma criança judia “entra” oficialmente na comunidade judaica. Este é um rito de iniciação que implica em “cortar” e em se “despojar” de uma parte de si para demonstrar seu pertencimento a uma comunidade. Nós rompemos totalmente com o pecado por meio de um despojamento do corpo. Este despojamento fala tanto do “corpo desta morte” (Rm 7:24) quanto do “corpo do pecado”. (Rm 6:6). Por meio desta circuncisão queremos dizer que estamos livres da tirania do pecado, caracterizada na visão paulina, no corpo. Mas este processo não é o resultado de uma ação de mão humana, ou seja, não é o produto de um esforço operado por alguém, mas realizado pelo próprio Cristo. Ele operou este despojamento do corpo.

Ao citar Cristo como exemplo, Paulo recorre à própria figura de Cristo como sacerdote que “circuncida” aquele que pretende entrar em sua comunidade. Para seguir a Jesus teremos que estar dispostos a seguir o mesmo caminho de renúncia de nossos próprios projetos e enfrentar a cruz. Na cruz concretizamos nosso desejo de abandonar os projetos temporais, humanos, políticos, midiáticos, que envolvem o sucesso, a glória, a vitória... Por meio da cruz o Reino revela que os vencidos são os verdadeiros vencedores. Quando, pelo batismo, entramos na comunidade de fé e



fazemos as promessas e declarações de fidelidade a Deus e de renúncia a todo mal, estamos nos comprometendo com esta circuncisão de Cristo. Nossa "perfeição" não é o resultado de nosso esforço, mas de uma declaração de justificação feita pelo Senhor aos que o seguem.

Podemos dizer que nele estamos aperfeiçoados, em segundo lugar, Porque passamos da morte para a vida. (v.12) Quando este texto fala em ressuscitar, ou em "passar da morte para a vida", ela fala no contexto do exercício da fé. Aqui se lê que fomos ressuscitados mediante a fé no poder de Deus. A fé é este sentimento de dependência última e plena em Deus. Quando somos capazes de confiar apenas e exclusivamente em Deus, então viveremos pela fé. Viver por fé, implica em abandonar a segurança que o capital pode nos dar; significa não confiar mas de forma última na nossa posição social nem por nossa confiança em qualquer outra realidade que não seja Deus. Veja, as Escrituras não exigem de nós a pobreza, mas a absoluta confiança em Deus. Devemos sempre lembrar que não podemos servir a dois senhores. Ou bem Jesus é o nosso Senhor ao a riqueza, a segurança, o conforto, o prazer. Se Jesus é o nosso Senhor, então devemos estar sempre dispostos a segui-lo onde quer que este seguimento nos leve. Passar da morte para a vida é segui-lo em sua ressurreição, ao lado dele. O Batismo é a declaração pública de que renunciamos a este mundo (eón) com seus valores e concepções e assumimos plena e total fidelidade ao projeto de Deus e de seu Reino.

Agora podemos ver que há uma relação de consequência entre se despojar da "carne" e assumir o projeto da vida. Somente quando fazemos isso é que somos contados entre os "aperfeiçoados" por Cristo.

Podemos dizer que nele estamos aperfeiçoados, em terceiro lugar, Porque nossa dívida foi paga. (v.14) Nossa perfeição posicional ocorre, segundo Paulo, quando Cristo paga nossa dívida. Esta dívida, que era composta basicamente de acusações em função de nossa desobediência em cumprir as ordenanças (dogmata) rituais, só servia para nos condenar. Ela nos mostrava o quão pecadores somos e quão distantes do alvo que Deus estabeleceu para nós estávamos. Paulo se serve de uma linguagem retirada da contabilidade, para demonstrar nosso débito diante de Deus. Mas eis que, por meio de Cristo a cédula que nos era contrária, ou seja, a promissória que nos acusava de devedores, foi rasgada completamente e cravada na cruz. Ele, por meio da sua cruz, de seu martírio, retira de sobre nós a dívida e, diz Paulo, expõe ao escárnio os principados e autoridades. Esta expressão tanto pode significar que os nossos acusadores (demônios) perderam a causa contra nós, quanto pode significar que os poderosos deste mundo já não podem *seduzir* a Igreja com seus favores e promessas. Aqueles que estão em Cristo não mais se deixarão envolver ou vencer pelas acusações demoníacas e nem pelas seduções do poder.

De tudo o que Paulo nos ensina, algo deve sempre se fazer presente em nossa mente. Nossa perfeição não dependeu de nós ou de nosso esforço, ela foi conseguida por Cristo na cruz e agora cada um de nós é convidada a vivencia-la no dia-a-dia. Nós estamos em uma espécie de "tensão dialógica" entre o "já" e o "ainda não". Já



estamos no Reino mas ainda não o vemos concretamente. Já somos perfeitos mas ainda não vivemos isso plenamente. Seja nossa oração: "Venha o teu Reino!" (JLFA)

Santo Evangelho – Lucas 11.1-13

Estamos acostumados a repetir regularmente a oração dominical em nossa liturgia. Ela foi ensinada por Jesus a pedido dos discípulos (v.1), pois João Batista havia ensinado algum modelo de oração também aos seus discípulos. Temos aqui em Lucas, o texto mais curto e, provavelmente, o mais antigo da oração dominical. Não se trata simplesmente de uma forma fixa, mas de um verdadeiro modelo que deve reger nossa comunhão com Deus.

A oração é dirigida a Deus "Pai", ao Abba, não o pai distante, mas o pai íntimo. Nessa aproximação, é importante reconhecer primeiramente a distância entre nós e Deus, sua superioridade e magnitude. Esse é o significado do reconhecimento da "santidade do nome de Deus". Santidade aqui tem a ver com a separação e a diferença em relação ao que é comum e ordinário. É certo que Deus está presente conosco a todo momento e que sua glória enche a terra. Exatamente por isso, Ele é diferente ou, no sentido religioso, "santo".

A expressão "Reino" designa o reinado ou a soberania eterna de Deus sobre a criação, o universo, a história e as nossas vidas. Clamar pela vinda do Reino indica a expectativa para que a vontade graciosa de Deus se manifeste na história mas também a nossa disposição para conhecermos e vivermos as implicações desse Reino.

Segue-se uma petição sobre o alimento diário. A súplica: "O pão nosso *epiousion* (acima e além da substância)... dá nos hoje" merece destaque. A palavra grega "epiousion" traz o substantivo "ousia" ("substância"), agregado à preposição "epi". Num nível mais profundo, trata-se de uma substância superior a qualquer outra. Diga-se de passagem, a palavra "ousia" (substância) aparece no Credo Niceno, indicando a natureza do Filho em relação ao Pai: "consustancial com o Pai" (da mesma substância). Na tradução do texto grego para o latim, o "epiousion" do Pai Nosso foi traduzido pelo latim *quotidianum* (de onde vem "de cada dia"). Mas, alguns estudiosos sugerem que a palavra grega central – "ousion" (substância) deveria levar a tradução para outra expressão latina, a palavra *supersubstantialem* (a substância fundamental, sem a qual ninguém vive). Naturalmente, essa "substância" fundamental e indispensável, é necessária para o cotidiano e, por isso, a tradução "de cada dia" é também aceitável, desde que não percamos de vista o seu significado mais profundo.

Após a oração temos uma ilustração incentivando-nos a clamar. Aqui o exemplo é retirado das relações de amizade na vizinhança. Somente um amigo muito



insensível se negaria a auxiliar outro amigo na situação proposta por Jesus. Ainda assim, Jesus estimula a pedir, dizendo que a insistência provocaria naquele a quem se solicita algo, um movimento de apoio.

Todos nós enfrentamos problemas diversos e às vezes sentimos que não temos com quem contar. Jesus nesse trecho diz que temos, sim, com quem contar – o Deus Pai, em cuja porta batemos e insistimos, e ela sempre se abre. Quem de nós que somos pais negaríamos aos nossos filhos o melhor que temos para lhes oferecer? É assim que Cristo nos estimula a nos aproximarmos de Deus – com o coração confiante, pois estamos conversando com o nosso Pai. “Por isso, todo o que pede, recebe”. (CEBC)